

**O DISCURSO HUMORÍSTICO:
UM LUGAR DE RESISTÊNCIA NA LÍNGUA⁴⁰**

Ivana Salum Acunha (PMPA e UFRGS)

ivanasalum@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo contribuir com uma reflexão sobre o conceito de língua, a partir da perspectiva da Análise do Discurso (AD), a qual compreende a língua em funcionamento, produzindo efeitos de sentidos, portanto em sua materialidade histórica. A fim de melhor visualizar essa concepção de língua, faremos uma análise do discurso humorístico do Barão de Itararé, através do qual pode-se ter acesso ao equívoco e à ambiguidade os quais nos permitem perceber que a língua, em sua capacidade de produzir diferentes efeitos de sentidos a partir de um mesmo enunciado, não se comporta dentro de um sistema abstrato de regras e que, ainda resiste a esse mesmo padrão.

Palavras-chave:

Ambiguidade. Língua. Discurso humorístico

RESUMÉ

Ce travail a pour objectif de contribuer aux réflexions sur la conception de la langue, dans la perspective de l'Analyse de Discours (AD), laquelle comprend la langue en fonctionnement, en produisant des effets de sens, donc en sa matérialité historique. En vue de visualiser cette conception de langue, on fera une analyse du Discours humoristique du Barão de Itararé, sur lequel on pourra avoir accès à l'équivoque et à l'ambiguïté lesquels à partir desquels on pourra regarder que la langue, dans sa capacité à produire des effets de sens différentes à partir du même énoncé, ne se conduit pas dans un paradigme fondé, et encore qu'elle résiste à ce même paradigme.

Mots clés:

Ambiguïté. Langue. Discours humoristique.

1. Introdução

O presente trabalho visa, a partir dos pressupostos teóricos Análise de Discurso, mostrar o funcionamento da língua como um sistema relativamente autônomo, do qual fazem parte o equívoco e a ambiguidade, através da análise de enunciados provenientes do discurso humorístico. Nosso *corpus empírico* está constituído pelos enunciados dos Almanha-

⁴⁰ Este trabalho faz parte da minha tese de Doutorado em Estudos da Linguagem na UFRGS, com orientação da professora Freda Indursky.

ques do 1º semestre de 1949 e do 1º semestre de 1955, de autoria do Barão de Itararé.

2. *Dispositivo teórico-analítico*

Entender a língua como sistema relativamente autônomo é reconhecer que outros elementos, além das bases fonológica, morfológica e sintática, intervêm na construção dos efeitos de sentidos, isto é na produção de discursos. Desses elementos fazem parte: o contexto, a situação na qual aparece o discurso e também as formações imaginárias, os interlocutores e a memória constituem as Condições de Produção de um discurso.

Para Pêcheux (1993, p. 79), não se pode analisar um discurso como um texto, como uma sequência fechada, uma unidade com início, meio e fim, mas deve-se relacioná-lo a outros discursos: *ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção*. Dentre esses elementos, gostaríamos de destacar aqui as noções de **formações imaginárias** e os **interlocutores**. **As formações imaginárias** intervêm na constituição dos efeitos de sentido, à medida que decorrem das imagens que o sujeito projeta sobre o seu lugar e sobre o lugar do outro e sobre o referente, ao produzir/interpretar um determinado discurso. O sentido do discurso, de acordo com esse autor (*Op. cit.*), ocorre no intervalo entre os **interlocutores** do discurso, os quais não representam uma figura física, empírica, mas lugares *determinados na estrutura de uma formação social*.

De acordo com Orlandi (1999, p. 30), as Condições de Produção podem ao serem consideradas em sentido estrito, correspondem às circunstâncias de enunciação do discurso, isto é, ao contexto imediato de enunciação; em sentido amplo, as Condições de Produção correspondem ao contexto sócio-histórico e ideológico em que o discurso se inscreve.

Assim sendo, as Condições de Produção (CP) são fundamentais para que sejam construídos efeitos de sentido. Isso implica conceber a língua constituída pela história. Portanto, se considerarmos o funcionamento do discurso humorístico do Barão de Itararé veremos que os efeitos de sentido que diferenciam o discurso “sério” do discurso humorístico só podem ser atualizados à medida que a língua seja concebida em sua materialidade.

Além da CP, outros conceitos são fundamentais para entendermos como são produzidos os efeitos de sentido de um discurso. Assim sendo,

como o discurso é uma das práticas em que a ideologia se materializa, para que se possa analisar a relação do discurso com a ideologia, faz-se necessário destacar dois conceitos fundamentais: o conceito de *Formação Ideológica* (FI) e o conceito de *Formação Discursiva* (FD).

A instância ideológica, segundo Pêcheux (1995, p. 143), é determinada pela instância econômica – o ideológico é uma das formas de reprodução/transformação da base econômica, mais precisamente das *relações de produção* que a sustentam. É a partir dessa concepção que Pêcheux chega à representação da exterioridade na língua. Uma das formas em que a reprodução das relações de produção funciona é através da interpelação ou assujeitamento do sujeito. Essa interpelação, como já dissemos anteriormente, é da ordem do inconsciente, e produz para o sujeito a impressão de que ele é a origem de seu dizer e dono de sua vontade.

Já Haroche *et al.* (1990, p. 148) nos dizem que “cada formação ideológica constitui assim um conjunto de atitudes e representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’ mas se relacionam mais ou menos diretamente com as posições de classe em conflito umas com as outras”.

Para Pêcheux (1993), as Formações Ideológicas representam posições de classe em conflito. Isso explicaria a possibilidade de se falar dos mesmos objetos de forma diferente desde que os sujeitos estejam afetados por Formações Ideológicas antagônicas.

Esse autor acrescenta que é no seio de uma Formação Discursiva que se realiza o assujeitamento ideológico do sujeito e é a partir da FD que sujeito e sentido se constituem e o fazem de forma concomitante. Uma Formação Discursiva representa, na linguagem, as Formações Ideológicas que lhe são correspondentes e interpelam os sujeitos falantes em sujeitos de seu discurso, Pêcheux (1995).

O domínio de saber de uma FD se constitui, segundo Courtine (1981), a partir da articulação dessa FD com uma FI. Esse domínio de saber ao mesmo tempo em que determina aquilo que pode e deve ser dito (princípio da aceitabilidade discursiva) determina também o que não pode e não deve ser dito (princípio da exclusão). O domínio de saber de uma FD delimita, assim, o interior (conjunto dos elementos de saber de uma FD) e o exterior de uma FD (conjunto dos elementos que lhe são exteriores) e que pertencem ao interdiscurso.

Para Pêcheux e Fuchs (1993), uma palavra adquire seu sentido a partir de suas relações com outros elementos pertencentes à mesma FD; a

palavra não tem um sentido literal, os efeitos de sentido são construídos em função das posições ideológicas num determinado processo histórico-social em que essa palavra é produzida. Uma mesma sequência discursiva poderá ter efeitos de sentido diversos, segundo Pêcheux e Fuchs (1993), dependendo da FD em que estiver inscrita, isto é, as palavras mudam de sentido de acordo com as posições daqueles que as empregam.

3. A análise

Para refletir sobre a língua em funcionamento e mostrar como são construídas diferentes possibilidades de sentido num discurso bem como apontar que diferentes modos de dizer são possíveis, pretendemos analisar o discurso do Barão de Itararé que trabalha com a desconstrução, o deslizamento de sentidos, construídos a partir das possibilidades intrínsecas da língua.

A fim de realizarmos nossas análises, começaremos por estabelecer o *campo discursivo* com o qual trabalharemos. Maingueneau (1997, p. 116) denomina “campo discursivo ao conjunto de formações discursivas que se encontram em relação de concorrência, em sentido amplo, e se delimitam, pois, por uma posição enunciativa em uma dada região”. Esse autor se refere assim às FD que se relacionam num determinado discurso. Em nosso *corpus*, o *campo discursivo* é constituído por saberes provenientes do senso comum e por saberes que antagonizam com esses.

Também estabelecemos o *espaço discursivo* em que se movimenta a nossa análise. O espaço discursivo diz respeito, de acordo com Maingueneau (*Ibidem*) a, “pelo menos, duas FD que estão em relação e cujo restabelecimento é imprescindível para a compreensão do discurso do Barão”. Nosso *espaço discursivo* concentra-se no discurso humorístico produzido pelos Almanhaques. Nesse espaço discursivo confrontam-se as duas FD mencionadas acima que apontam para dois saberes divergentes: a FD do senso comum e a FD que subverte o senso comum.

Os Almanhaques põem em circulação um discurso humorístico que atualiza, de maneira lúdica e engraçada, o discurso dos Almanhaques, que são publicações – em livros ou folhetos – distribuídas gratuitamente. Eram bastante populares no Brasil, à época em que o Barão de Itararé publicou os seus Almanhaques, principalmente por apresentar informações, curiosidades, um calendário com os dias e meses do ano, os feriados, as mudanças de lua, as festas; traziam também poesias, trechos

literários, anedotas, horóscopo, adivinhações, palavras-cruzadas. Através de publicações como o Almanhaque Abril, uma versão moderna dos Almanhaques, esse gênero se mantém presente até nossos dias.

A fim de organizar as análises, agrupamos esses enunciados em um bloco discursivo constituído por enunciados dispersos nos Almanhaques. A partir da construção desse bloco, pode-se visualizar a análise, a qual está descrita a seguir.

Essa análise tem como objetivo determinar como se dá o funcionamento do **equívoco** e da **ambiguidade**, sobre os quais se constrói o efeito de humor no funcionamento linguístico-discursivo do discurso do Barão de Itararé, além de possibilitarem que se visualize a paráfrase que esse discurso realiza do discurso do senso comum e também, a construção do efeito de sentido humorístico através do equívoco.

Sequências discursivas de referência:

Sd 01:

O homem é um animal que pensa. A mulher é um animal que pensa o contrário. (1949, p. 220-1)

Sd 02:

Os homens são de duas categorias: os solteiros e os loucos. (1949, p. 25)

Sd 03:

O casamento é uma tragédia em dois atos: um civil e um religioso. (1955, p. 150)

Sd 04:

O amor é cego. Mas os guardas-civis não. (1949, p. 88)

Sd 05:

O faz o peixe, afinal? ... Nada... (1949, p. 28)

Sd 06:

O ovo de Colombo ficou de pé porque era de pata. (1949, p. 90)

Sd 07:

Em pintura, todo peixe é pintado. (1955, p. 120)

Nas sequências 01, 02, 03 e 04, podemos notar que a segunda parte dos enunciados redireciona o efeito de sentido produzido na primeira parte, apresentando uma outra posição-sujeito. Assim, na primeira parte dos enunciados, encontramos paráfrases do discurso do senso comum, que apontam para uma sociedade tradicional cujos valores se assentam na família e no casamento. Já na segunda parte dos enunciados, há paráfrases de um discurso proibido, politicamente incorreto em relação ao discurso do senso comum. Ou seja, estas paráfrases apresentam uma outra posição-sujeito que contraria aquilo que é dito na primeira parte dos enunciados. Esse discurso politicamente incorreto é atualizado de forma humorística na segunda parte dos enunciados, e produz esse efeito por aproximar saberes antagônicos. Nessas sequências discursivas (sd), o efeito de **inesperado**, de **estranhamento** provoca o efeito humorístico.

O funcionamento desses enunciados se dá exatamente nesse ponto, na condensação de sentidos: “dois campos de significado fundem, causando surpresa”. O efeito de sentido provocado pelo discurso do Barão de Itararé é o humor que se instaura através de um jogo com/na linguagem e uma das formas de humor utilizadas pelo Barão é o chiste, no qual os dois campos que se fundem apontam para saberes divergentes, os quais se encontram linearizados no discurso do Barão, em contiguidade. Ele também se vale do trocadilho, da ambiguidade, dos jogos de palavras, ou seja, ele busca, nas várias possibilidades de sentido que a língua oferece, construir sempre o efeito de humor.

Retornando à sd 01, ao ser acrescentado na segunda parte do enunciado “a mulher é um animal que pensa o contrário”, uma outra posição-sujeito é atualizada nesse discurso, que redireciona o efeito de sentido produzido na primeira parte do enunciado, reorientando um outro sentido para o termo **homem**, o qual, na primeira parte do enunciado, aponta para o representante de toda a espécie humana racional, passa agora a representar um gênero (masculino) dentro da espécie humana.

A oposição homem/mulher é acionada, na segunda parte do enunciado, a partir de uma posição-sujeito diferente. Se, na primeira parte do enunciado, é a voz do senso comum, alicerçada pelo discurso científico/filosófico, que fala, na segunda parte do enunciado é um outro discurso que é atualizado, a partir do acréscimo de dois termos a primeira parte do enunciado, **mulher** em substituição a **homem** e o acréscimo da expressão **ao contrário**: é o discurso machista, o politicamente “incorreto” que é atualizado através do qual pode-se perceber a presença de uma posição-sujeito em que a mulher tem um modo antagônico ao homem de

entender o mundo, e que esse modo de ver o mundo é considerado improprio, incorreto.

O inusitado, que produz um efeito humorístico, é construído por esse acréscimo/substituição de um termo da primeira parte do enunciado na segunda parte do enunciado, o qual direciona os sentidos numa direção inesperada, ou seja, atualiza um outro discurso (segunda parte do enunciado) ao lado do discurso do saber científico (primeira parte do enunciado), um discurso preconceituoso, machista ao lado de um discurso do bom senso. A paráfrase de dois discursos diversos que são justapostos no fio de um mesmo enunciado, os quais apresentam duas posições-sujeito divergentes, afetadas por duas FD diferentes. Essa justaposição de discursos excludentes produz inconsistência, apesar da costura perfeita que foi feita entre essas discrepâncias, o que provoca a instauração do humor.

O efeito humorístico é construído, também, pela presença dessas duas posições contrárias convivendo lado a lado no fio do discurso, sem que qualquer elemento linguístico-discursivo anuncie a mudança na direção do sentido.

A presença do ponto final na primeira parte do enunciado e a inserção da segunda parte do enunciado imediatamente após, dão ao interlocutor a idéia de continuidade do mesmo efeito de sentido na segunda parte do enunciado. O ponto final substitui o operador discursivo que anunciaria a mudança de sentido e a oposição que existe entre as duas partes do mesmo enunciado. Por conseguinte, a ausência do operador discursivo faz parte desse funcionamento discursivo que constrói o efeito de humor.

Esse funcionamento discursivo, que se dá, não só através do redirecionamento do sentido do primeiro enunciado, mas também pela presença do inusitado (ponto/mesma linha/redirecionamento do sentido), mexe na imagem de estrutura de texto que o interlocutor tem (ponto/mesma linha, logo mesmo sentido). É essa quebra de expectativa do interlocutor que constrói a novidade e o efeito de comicidade no discurso, atualizando um discurso proibido: “aquilo que não pode/não deve ser dito”.

Dessa forma, nessas sd o funcionamento discursivo que produz o efeito de humor se revela através de saberes antagônicos que se encontram niveladas lado a lado, no fio do discurso, através da presença de uma posição-sujeito, na primeira parte do enunciado, a qual direciona os

sentidos numa determinada direção, para um determinado contexto semântico e, na segunda parte do enunciado, surge a presença de outra posição-sujeito que leva o sentido em uma direção oposta.

Esse funcionamento discursivo revela, pela justaposição duas posições-sujeito divergentes e seus respectivos saberes, uma oposição gerada entre a paráfrase do discurso científico e a paráfrase do discurso cotidiano/discurso “politicamente incorreto”, a qual produz uma quebra de expectativa, um redirecionamento inesperado de sentido, provocando um efeito de equívoco. É daí que se origina a comicidade.

Temos aí a configuração de um enunciado dividido, diferentemente da concepção de Courtine, (1981), de acordo com a qual, saberes divergentes não podem ser linearizados no mesmo enunciado. Entretanto, no caso das sd 01, 02 e 04, que acabamos de analisar, saberes provenientes de duas FD divergentes (referentes ao senso comum e à subversão do senso comum) são justapostos, colocados lado a lado, em contiguidade. Essa construção discursiva promove um deslizamento de sentido de tal forma que o saber do sendo comum seja desestruturado e um outro saber (antagônico do senso comum) seja reestruturado em outro lugar.

Essa quebra de expectativa produz um efeito de inconsistência, de um raciocínio mal elaborado ou elaborado de maneira “inadequada”. Dessa forma, esse enunciado assim constituído promove a contradição, pois une o que não pode ser reunido, atualiza e justapõe sentidos.

Estamos diante do que Guimarães (1995, p. 65) denominou de *consistência* em substituição à noção de coerência, já que a coerência é da ordem do cognitivo e da interioridade (organização verbal, adequada do raciocínio). A consistência relaciona a interpretação ao acontecimento enunciativo: a sua história de produção e interpretação, à memória discursiva, ao interdíscuro. Os enunciados a que estamos nos referindo, se forem considerados do ponto de vista da coerência textual, serão considerados **incoerentes**, porém serão considerados **consistentes** se forem considerados a partir de suas condições de produção: um texto humorístico, que se constrói a partir da paráfrase discursiva de outros discursos, tais como os provérbios, o senso comum, as Almanques, entre outros.

Assim sendo, ao analisarmos o funcionamento desses enunciados, precisamos levar em conta fatores que afetam a interpretação e que são considerados, por isso, como constituintes da língua, ou seja, fatores sem os quais a língua não é capaz de produzir os efeitos de sentido desejados, ficando imobilizada nos sentidos cristalizados.

No funcionamento discursivo da sd 02 ocorre, na segunda parte do enunciado, uma definição de um termo presente na primeira parte do enunciado. Essa definição foge a uma definição esperada, ou seja, ela frustra a expectativa de uma paráfrase do discurso científico. Para que se possam atingir os efeitos de sentido produzidos pelo discurso do Barão, é necessário que se considere que há, nessa definição, a atualização de um discurso “proibido” (politicamente incorreto), representativo de uma posição-sujeito em que se inscreve a sociedade conservadora, afetada pela moral religiosa.

Assim, na primeira parte da sd 02, o termo **categoria** remete para o discurso científico, divisão de elementos pertencentes a uma mesma espécie, classe, ou seja, está associado à classe de homens; porém a definição dada na segunda parte do enunciado aponta para um outro discurso politicamente incorreto: que produz uma ruptura com o discurso científico da primeira parte e com o sentido de casamento produzido pelo discurso religioso e retomado pelo senso comum assumido pela sociedade tradicional, atualizando, efetivamente, um discurso irreverente.

Nessa sd, vemos que o termo **categoria** aponta para uma divisão em que se enquadram os seres da mesma espécie. Quando a divisão apresentada atualiza o termo **solteiros** como uma das categorias, a outra categoria esperada, como contraponto a solteiros, seria **casados**, porém no lugar desse termo, é atualizado o termo **loucos**. Assim, quando o termo loucos passa a ser associado a casados, a direção de sentido invocada pela primeira parte do enunciado é redirecionada e o discurso do cotidiano é desqualificado pela paráfrase que atualiza o discurso-outro, proveniente da FD que subverte o senso comum, o qual apresenta o casamento como uma possibilidade de infelicidade, contrariando o discurso da sociedade tradicional afetada pelo discurso religioso para a qual casamento é o alicerce dessa sociedade, significando realização plena do ser humano.

Na sd 03, na primeira parte do enunciado, os termos **tragédia** e **ato** em seu sentido primeiro apontam para um tipo de representação teatral e as partes que compõem essa representação, cujo título seria o termo Casamento; porém ao termo **casamento são** associados os termos **civil** e **religioso**, que são os tipos de casamento adotados pela sociedade tradicional, os quais trabalham o deslizamento do sentido do termo **tragédia** que, associado a casamento, qualifica essa palavra como um **atofunesto**, que causa desgraça aos cônjuges, ressignificando radicalmente os sentidos de **tragédia** e de **casamento**.

O efeito de sentido humorístico é atualizado pela possibilidade dos termos **tragédia** e **atos** serem atualizados num primeiro momento como um substantivo cujo sentido pode ser associado à representação teatral, e, num segundo momento, como um adjetivo que caracteriza o casamento como desgraça. É dessa forma que é atualizado um discurso "proibido", que apresenta uma posição contrária ao casamento.

O efeito humorístico se dá à medida que é linearizado esse discurso politicamente incorreto que vai contra os saberes, a Formação Discursiva (FD) em que se inscreve o discurso do senso comum ou cotidiano. Esse discurso proibido tende a ser silenciado pelo discurso do senso comum. O inesperado é que esse discurso é atualizado, no discurso do Barão, de forma que se tem a impressão de ser algo natural, um saber universal compartilhado e aceito por todos os membros de uma sociedade. Essa naturalização do proibido, torna-o cômico e produz o efeito humorístico no discurso do Barão.

Nessas sequências discursivas, o discurso *politicamente incorreto*, o *discurso proibido* é atualizado no discurso do Barão. É esse discurso que é linearizado na segunda parte do enunciado, produzindo um efeito de equívoco a partir da atualização de uma outra possibilidade de sentido para os termos **homem** e **tragédia**. O discurso-outro só pode ser reconstituído através da memória discursiva acionada por termos que remetem para esse outro discurso, constituído pela FD do senso comum que representa a sociedade tradicional.

Para Possenti (2002, p. 26), as piadas são interessantes para os estudiosos pelo fato de trazerem à tona temas controversos, estereótipos e veicularem discursos proibidos (subterrâneo, não oficial) que buscam seus sentidos no jogo que estabelecem com a língua: "as línguas são cheias de ambiguidades (e não códigos que servem para a comunicação eficiente e expressão clara do pensamento) etc."

Na sd 04, o efeito de humor se dá em função de que a segunda parte do enunciado, onde há uma elipse do termo cego e do verbo ser (os guardas civis não **são cegos**), o termo **cego** aponta para um efeito de sentido diferente daquele determinado, para esse mesmo termo, na primeira parte do enunciado. Assim, se, na primeira parte, **cego** aponta para os sentimentos das pessoas apaixonadas que as torna alienadas da realidade, na segunda parte, **cego** aponta para as pessoas que estão privadas da visão, que não enxergam.

Há, pois, nessa sd, a linearização de dois discursos, provenientes de FD divergentes: o discurso do senso comum (o termo cegos apontando a alienação dos namorados) e os guardas-civis como guardiões da moral e dos bons costumes) e o discurso científico (cegos apontando para aqueles que perdem o sentido da visão), através dessa justaposição de saberes linearizados, são construídos os efeitos de sentido humorístico que atualizam, no enunciado, diferentes possibilidades de sentido para o termo cego.

Nas sd 05, 06 e 07 o efeito de sentido de humor é produzido através do equívoco que se estabelece através dos termos **nada**, **pata** e **pintado**. Esse efeito de sentido é construído de uma forma diferente daquele que vimos nas sd anteriores (01, 02, 03 e 04) em que a segunda parte do enunciado redireciona e tende a fixar uma nova direção de sentido para um termo, produzido na primeira parte do enunciado.

Nas sd 05, 06 e 07, o novo efeito de sentido se dá pela “surpresa”, de os termos **nada**, **pata** e **pintado** poderem ser associados a diferentes efeitos de sentido, sem que haja um direcionamento para um ou outro. O efeito de humor se dá pela possibilidade de esses dois sentidos diferentes se atualizarem ao mesmo tempo. O **equívoco** decorre dessa dupla possibilidade de sentido, que causa surpresa e humor.

Existe, nesses enunciados, uma adequação de um campo semântico que “agrega” as diferentes possibilidades de sentido produzidas pela homografia/ homofonia a que estão expostos esses termos, as quais atualizam as possibilidades de deslizamentos de sentidos. Assim, na sd 05, o termo **peixe** possibilita que se associe **nada** ao verbo nadar; já o verbo **fazer** (o que faz...) permite a atualização de um sentido diferente para **nada**: pronome indefinido (significando ausência de qualquer atividade ou ação). Na sd 06, o termo **ovo** permite que se associe **pata** à ave, já a expressão **ficar de pé** aponta para **pata** como pé de um animal. Na sd 07 o termo **peixe** permite a atualização de **pintado** como uma das espécies de peixe, já a expressão **em pintura** redireciona o sentido de **pintado** para representado/reproduzido através de um desenho em uma tela.

Esse funcionamento discursivo, permite-nos concluir que dentre as possibilidades de sentido que tais enunciados podem produzir, encontram-se duas que, ao serem atualizadas, produzem um efeito de equívoco provocado pela memória discursiva que atualiza, concomitantemente, esses dois sentidos, fazendo com que o enunciado possa ser associado a efeitos de sentido diferentes:

[...] todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro [...] Todo enunciado [...] é, pois, [...] uma série [...] de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. (PÊCHEUX, 1990, p. 53)

4. *Considerações finais*

Assim sendo, para que se estabeleça o efeito de humor nos enunciados que analisamos, há que, necessariamente, expor o sistema de leis internas da língua a um exterior, ou seja, da associação entre língua e história são produzidos os diferentes efeitos de sentido. Se fôssemos considerar a língua como sistema fechado ou como código (relação direta símbolo-significado) seria impossível que os enunciados analisados produzissem um efeito de humor. De acordo com Authier-Revuz (1998, p. 25), a possibilidade de as palavras e os enunciados estarem expostos, no discurso, a diferentes possibilidades de sentidos não é um fenômeno lúdico ou acidental do dizer, mas algo próprio do sistema linguístico.

Esse fato se manifesta, no discurso em análise, através do **equívoco**, que é desencadeado por relações de homonímia entre as palavras: a possibilidade de a mesma estrutura linguística poder ser associada a diferentes efeitos de sentido e/ou diferentes referentes. Esse fato foi designado por Authier-Revuz de *não coincidências das palavras consigo mesmas*. Ou seja: as mesmas palavras podem ser associadas a sentidos diferentes. E essas não coincidências que provocam o humor decorrem das relações que se estabelecem entre língua e história.

De acordo com Milner (1987, p. 12-13), toda locução está exposta a uma dimensão do não idêntico, que é produzida pelo equívoco e por tudo que promove homofonia, homografia, tudo que suporta o duplo sentido e o dizer de meias-palavras. Assim, a análise de como foram construídos os efeitos de sentido de humor, através do funcionamento do equívoco, que se estabelece através da homografia/homofonia presente nos termos dos enunciados que analisamos, levou-nos a perceber que esse funcionamento, ao permitir que se tenha uma maior visibilidade da língua exposta ao duplo sentido, ao não idêntico, fato que escapa a uma concepção de língua sistêmica.

Essas análises nos possibilitaram perceber que alguns funcionamentos discursivos tais como as Condições de Produção, diferentes posições-sujeito no discurso, que remetem a diferentes FD, são constitutivos da língua. E mais: somente a história em contato com a língua nos permi-

te o acesso aos gestos de leitura e de interpretação dos deslizamentos de sentido que produzem o efeito humorístico desses enunciados.

Pudemos notar também que, sob a aparente paráfrase de um discurso científico, encontramos uma outra posição-sujeito que atualiza um outro discurso: o discurso politicamente incorreto, o discurso do senso comum, o discurso proibido.

Tem-se, então, o encontro de três posições-sujeito divergentes convivendo num mesmo espaço discursivo: a posição-sujeito do discurso científico, a posição-sujeito do discurso do senso comum que é reconstituído pela memória discursiva, e à qual se tem acesso através da subversão que é produzida pela terceira posição-sujeito que é a posição atualizada pelo discurso “proibido” via discurso humorístico.

A justaposição dessas três posições em um mesmo enunciado é parte do funcionamento humorístico desse discurso. Para que se produza um efeito de humor é necessário que se mobilize a língua em sua opacidade, exposta às várias possibilidades de sentido. Essa justaposição coloca em contiguidade, no fio do discurso, espaços discursivos diversos, é essa contiguidade que possibilita os deslizamentos e a produção do humor.

Assim, a justaposição de vários sentidos é produzida no discurso do Barão pelo redirecionamento do sentido preconstruído pelo senso comum, pelo discurso científico e filosófico e pelo discurso religioso que se apresenta como evidente. Essa transparência é desconstruída à medida que o sentido-outro (proibido) é atualizado de forma inusitada e contígua, produzindo assim um efeito humorístico.

Esse efeito humorístico é também produzido em função da imagem que o interlocutor tem da língua: uma língua transparente, cujo sentido é literal, onde há um centro de sentido para cada termo, expressão; discurso, em que a presença de outros sentidos é entendida como margem, assim como o discurso que constrói esses sentidos.

Assim, encontramos, lado a lado, o discurso **sério** (científico, filosófico, jornalístico...), em oposição ao discurso humorístico (lúdico e todas as formas de discurso literário...). No discurso **sério** é construída uma imagem de sentido **centro**, transparente, uma imagem de **linguagem limpa, clara, objetiva**; da qual a ambiguidade precisa ser banida; já no discurso lúdico, a ambiguidade subjaz a ele.

Essa imagem preconstruída de língua, de discurso, de sentido suscita o discurso humorístico, à medida que busca a ambiguidade e a faz trabalhar, traz em si a marca da margem, do proibido, do politicamente incorreto. Esse discurso associa, pois, a **língua margem**, em que se inscreve, mas pressupõe a outra língua, decorrendo daí o sentido-margem ao lado de um imaginário de **sentido literal**.

Pode-se perceber a relação entre o equívoco, o humor e um sentido de língua que subjaz a esse funcionamento discursivo. Observamos, também, que esse funcionamento aponta para uma ressignificação do sentido de língua produzido pelo equívoco e, ainda, refletimos sobre como esses efeitos produzidos pela equivocidade deixam transparecer uma outra possibilidade de se ver a língua, descentrando-a do funcionamento maniqueísta certo/errado.

A ambiguidade, o equívoco e a metáfora através do humor são um lugar privilegiado para se olhar a resistência da língua ao ritual “sem falhas” (de considerar a língua somente a partir de normas e regras) e dar visibilidade a que todo ritual é passível de “falhas, desmaio ou rachadura: ‘uma palavra por outra’ é uma definição (um pouco restritiva da metáfora), mas é também o ponto em que um ritual chega a se quebrar no lapso ou no ato falho” (PÊCHEUX, 1990, p. 17).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: UNICAMP, 1998.

BARÃO DEITARARÉ. *Almanhaque 1955 Primeiro Semestre*. São Paulo, Studioma, 2002.

_____. *ALMANHAQUE PARA 1949*. São Paulo, Studioma, 2003.

COURTINE, Jean Jacques; MARANDIN, Jean Marie. Quel object pour l'analyse de discours? *Materialités Discursives*. Actes du Colloque 24-26 avril, 1980. Paris X- Nanterre, Lille. Presses Universitaires de Lille, 1981.

GUIMARÃES, Eduardo. Texto e enunciação. *Organon 23: O texto em perspectiva*. Porto Alegre, UFRGS, 1995.

HAROCHE, Claudine; HENRY, Paul; PÊCHEUX, Michel. La semantique et la cour pure saussurienne: langue, langage, discours. In: MALDIDIER, Denise (Org.). *L'inquietude du discours; textes de Michel Pêcheux*. Paris: Ed. des Cedres, 1990.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do discurso*. 3. ed. Campinas: Pontes, 1997.

MILNER, Jean-Claude. (1974)⁴¹ *O amor da língua*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.

ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 19, Campinas-IEL: UNICAMP, jul-dez 1990.

_____. (1975)⁴². *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 1995.

_____; FUCHS, Catherine (1975)⁴³. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs). *Por uma análise automática do discurso*. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 1993.

POSSENTI, Sírio. *Os humores da língua: análises lingüísticas das piadas*. Campinas: Mercado das letras, 2002.

⁴¹ Data da primeira edição traduzida para o português, obra originalmente publicada em francês sob o título: *L'Amour de la Langue*. Éditions Du Seuil, Paris.

⁴² Primeira publicação desse texto sob o título *Lesvérités de la Palice*, Maspero, Paris.

⁴³ Data da 1ª ed. sob o título *Mises au point et perspectives à propos de l'analyse automatique du discours*, Langages, n. 37, p. 7-80, Paris.